

Puxado por vagas sem carteira, desemprego cai a 8% no trimestre



Sem carteira. Tatiana Maria Pereira vende roupas na Central do Brasil. Aos 39 anos, nunca teve emprego formal. Já foi doméstica, doceira e vendedora ambulante, mas sua filha conseguiu uma vaga formal

NO SEGUNDO TRIMESTRE

DESEMPREGO É O MENOR EM 9 ANOS

Alta da ocupação foi puxada pela informalidade. Salário não sobe

CAROLINA NALIN E THAYSSA RIOS*

O mercado de trabalho brasileiro teve um desempenho acima do esperado no segundo trimestre do ano. A taxa de desemprego recuou de 8,8% no primeiro trimestre para 8%, na menor taxa para o período em nove anos, abaixo dos 8,2% projetados pelo mercado. Mais de 1 milhão de trabalhadores encontraram uma ocupação, alta de 1,1%. O aquecimento do mercado fez o desalento (quando o trabalhador deixa de procurar uma vaga por não ter esperança de encontrar) cair 5,1%.

Mas o crescimento da ocupação foi puxado pelo trabalho informal, principalmente o emprego sem carteira assinada, com salário menor e mais precário. Com isso, o rendimento ficou estagnado na comparação com o trimestre anterior.

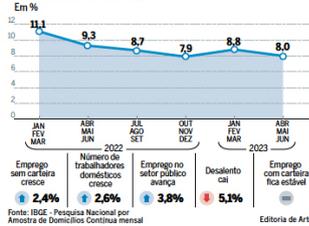
Além disso, um contingente de trabalhadores ainda não retornou ao mercado depois da pandemia, o que mantém a taxa de desemprego num patamar baixo. A taxa de participação (pessoas ocupadas e as que procuram emprego na população em idade de trabalhar) ficou em 61,6%, abaixo dos 63% de antes da pandemia.

É o que aponta a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgada ontem pelo IBGE.

PESO DOS SERVIÇOS

Para Christian Meduna, economista do BV, o resultado positivo do mercado de trabalho no segundo trimestre foi fruto do bom desempenho do setor de serviços; da agropecuária, que impulsionou os demais setores; e dos reajustes do salário mínimo e do servidor.

TAXA DE DESOCUPAÇÃO



Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua mensal

Mas o impacto dessas medidas se esvai com o tempo: — Todos esses efeitos combinados produziram um resultado econômico melhor que o esperado no primeiro semestre, mas eles vão se exaurindo. Lucas Assis, economista da Tendências, lembra que há uma parcela da população, especialmente as pessoas de menor renda e escolaridade, que deixou a força de trabalho e ainda não voltou. — Houve forte saída da força de trabalho das pessoas com mais de 60 anos por causa da emissão de aposentadorias durante a corrida eleitoral no último ano.

Além disso, um possível desincentivo são os programas de transferência de renda. Isso gera uma menor necessidade de as pessoas procurarem trabalho.

Na avaliação de Rodolpho Tobler, economista do Ibre/FGV, a própria qualidade dos empregos gerados reflete o momento macroeconômico de desaceleração da atividade. Ele cita juros altos, atividade mais fraca e famílias ainda endividadas como travas ao crescimento.

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, também vê o desemprego caindo ainda de vagar por causa dos juros altos (leia mais na página 14)

Segundo o IBGE, a expansão do emprego veio principalmente das atividades relacionadas a administração pública, saúde e educação, mas houve avanço no setor de serviços, como os de embelezamento e recreativos.

A renda do trabalhador, descontada a inflação, ficou estável frente ao trimestre anterior (R\$ 2.921), já que os empregos gerados, informais, pagam menos e não são suficientes para elevar a média do rendimento.

O número de trabalhadores sem carteira assinada cresceu em 303 mil no trimestre, totalizando 13,1 milhões. Já o contingente de trabalhadores domésticos cresceu 2,6%, para 5,8 milhões de trabalhadores. O número de empregados no setor público, principalmente sem carteira, aumentou 3,8%, com mais 450 mil pessoas.

O emprego com carteira assinada ficou estável no período. Segundo especialistas, é possível que a geração de vagas formais não avance com uma visão mais cautelosa por parte do empresário, com a confiança ainda num patamar baixo para o aumento da contratação.

O mercado de trabalho exibiu outros indicadores positivos. O total de pessoas que trabalhavam menos horas do que gostariam e as que não buscaram emprego, mas estavam disponíveis para trabalhar, recuou 5,7% no trimestre, ficando em 20,4 milhões.

NA INFORMALIDADE

Depois de três meses desempregado, Reynan Carneiro, de 20 anos, voltou a trabalhar como ambulante no Centro do Rio. Demitido de um restaurante na Zona Sul da cidade, onde era empregado com carteira, a solução foi vender produtos em uma barraca na rua.

— Já tinha trabalhado anos antes como vendedor nas ruas, mas, quando consegui a oportunidade de ter carteira assinada, eu fui. Não deu certo, então voltei para cá — contou Reynan.

Morando com amãe, as vendas de conjuntos de potes plásticos por R\$ 10 rendem mais a Reynan do que o salário mínimo com a carteira assinada.

— Pelo dinheiro, é um pouco melhor. Dependendo do mês, se eu trabalhar um pouco mais, consigo tirar um valor mais alto.

Aos 39 anos, Tatiana Maria também só encontrou ocupação na informalidade. Ela nunca teve carteira assinada. Começou a trabalhar aos 10 anos, já foi doméstica, vendedora ambulante, doceira e agora vende roupas há um ano no Centro do Rio.

— Não tenho estudo, então não é todo lugar que aceita — lamentou Tatiana, que aprendeu a ler há poucos meses.

No momento, o que a deixa mais aliviada é que sua única filha, de 19 anos, está em um emprego formal.

— Eu não consegui, mas minha filha conseguiu agora no primeiro trabalho dela de carteira assinada.

*Estagiária, sob supervisão de Danielle Nogueira

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia Pagina: 13